

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA – UFSC
ESPECIALIZAÇÃO EM GÊNERO E DIVERSIDADE NA ESCOLA - GDE
FERNANDA RACHEL DA SILVA**

**EU, TU, ELAS: REFLETINDO SOBRE AS PERCEPÇÕES PÓS ESPETÁCULO
PRETO-À-PORTER**

Florianópolis

2016

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,
através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária da UFSC.

da Silva, Fernanda Rachel

Eu, tu, elas : refletindo sobre as percepções pós
espetáculo Preto-à-porter / Fernanda Rachel da Silva ;
orientadora, Miriam Pillar Grossi ; coorientadora, Juliana
Cavilha Mendes Losso. - Florianópolis, SC, 2016.
46 p.

Monografia (especialização) - Universidade Federal de
Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas.
Curso de Gênero e Diversidade na Escola.

Inclui referências

1. Teatro na escola. 3. Negritude e identidades. I.
Grossi, Miriam Pillar. II. Cavilha Mendes Losso, Juliana.
III. Universidade Federal de Santa Catarina. Gênero e
Diversidade na Escola. IV. Título.

FERNANDA RACHEL DA SILVA

**EU, TU, ELAS: REFLETINDO SOBRE AS PERCEPÇÕES PÓS ESPETÁCULO
PRETO-À-PORTER**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado como requisito para
obtenção do título de Especialista em
Gênero e Diversidade na Escola (GDE).

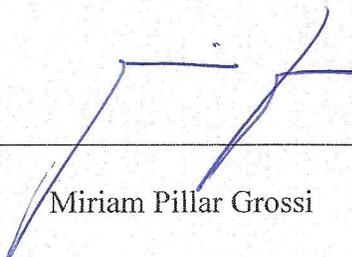
Aprovado em 17 de dezembro de 2016.

Coordenação do Curso:

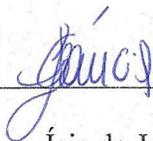


Olga Regina Zigelli Garcia

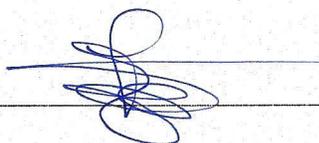
Banca Examinadora:



Miriam Pillar Grossi



Ísis de Jesus Garcia



Isabella Azevedo Irlandini

FERNANDA RACHEL DA SILVA

**EU, TU, ELAS: REFLETINDO SOBRE AS PERCEPÇÕES PÓS ESPETÁCULO
PRETO-À-PORTER**

Trabalho de Conclusão de Curso de Especialização em Gênero e Diversidade na Escola vinculado ao Instituto de Estudos de Gênero do Centro de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Santa Catarina. Apresentado como requisito parcial à obtenção do título de Especialista em Gênero e Diversidade na Escola (GDE).

Orientadora Profa. Dra. Miriam Pillar Grossi

Co-orientadora Profa. Dra: Juliana Cavilha Mendes Losso

Florianópolis

2016



Eu e minha filha, Inaê / sala de ensaio do Coletivo NEGA.

Que este trabalho consiga se firmar como uma ponte: para um trabalho melhor futuramente, para a construção de uma educação realmente de qualidade e sem preconceitos.

Dedico este trabalho a todos aqueles que lutam com toda a sua inteireza por uma vida mais respeitosa entre as pessoas, com mais arte, com mais acesso ao conhecimento, com mais beleza.

AGRADECIMENTOS

Muitíssimo obrigada a todos que acreditaram que eu chegaria até aqui (confesso que, por um tempo, acreditaram mais do que eu).

Primeiramente a Deus pela oportunidade e pelas pessoas legais e importantes que colocou no meu caminho.

Agradeço imensamente à professora Denise Pereira, pois foi através dela que soube da existência do GDE, como da inscrição e do prazo. Trabalhamos na mesma escola por um ano e ela sempre se demonstrou uma profissional competente e muito gentil, sempre preocupada em construir e somar, qualidades fundamentais para quem se propõe ser da área da educação.

Agradeço à minha filha Inaê que, apesar de ainda não ter idade suficiente para compreender (como nós) tudo o que está envolvido nesse trabalho, sempre esteve e está junto comigo, no estudo, nos cursos, no trabalho, no teatro, nas dificuldades, no lazer de cada dia (quando possível). Sempre me dando força pra nunca desanimar e detentora de grande sabedoria infantil. Sem dúvida, minha grande amiga e companheira. A luz da minha vida.

Aos meus pais, Jorge e Ariadna, que nunca deixaram de me dar apoio, nem quando se encontravam longe. Por todo o amor dedicado a mim e simplesmente por serem os melhores pais do mundo, me dando toda a base pra seguir a vida como um ser humano decente.

À minha irmã Luana, por todo o amor e admiração por minha pessoa e por nunca deixar de ouvir meus desabafos, sempre finalizando com um singelo “você consegue, Fê!” ou um muito fofo “vai dar tudo certo, maninha!”.

À minha comadre e amiga Néia, por existir na minha vida e na vida de minha família. Por todo seu carinho e principalmente por me ajudar nos momentos mais complicados que já passei, por me fazer voltar a pôr os pés no chão quando eu, tão envolvida nas demandas da vida, já não conseguia mais.

À minha madrinha Iaraí que, mesmo morando no Rio de Janeiro, é uma das pessoas mais próximas que tenho. Me apoia, me fortalece, me orienta e me encoraja, com sua sabedoria e bom humor sem igual.

À professora Dra. Fátima Costa de Lima, que muitas vezes foi mais que professora e é uma das minhas grandes inspirações.

Às minhas orientadoras e professoras, Dra. Miriam Pillar Grossi e Dra. Juliana Cavilha Mendes Losso que, com bastante paciência e dedicação, me ajudaram a fazer esse trabalho possível.

Às meninas do NEGA, pelo respeito e carinho, pela garra, pela luta, pela arte politicamente ousada.

Um agradecimento especial pelo financiamento dado ao Curso de Especialização EaD em Gênero e Diversidade na Escola da Universidade Federal de Santa Catarina (GDE/UFSC) através do Fundo Nacional para o Desenvolvimento da Educação (FNDE) gerido pela SECADI/MEC (Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão do Ministério da Educação) na gestão da presidenta Dilma Rousseff (2011-2015), sem o qual seria impossível a operacionalização de um curso de dois anos de duração em cinco cidades de diversas regiões do estado de Santa Catarina. Agradecemos, sobretudo, os investimentos que durante os últimos 13 anos possibilitaram a expansão de políticas públicas de combate a fome, ao racismo, sexismo, lesbofobia, homofobia, transfobia e ao capacitismo. Infelizmente, a conjuntura política no último ano quase impossibilitou a conclusão desta 3ª edição do GDE, sobretudo depois da extinção da SECADI, que foi criada em 2004 e que possibilitou a realização de centenas de cursos com temáticas que versavam sobre diferenças, desigualdades e direitos humanos em todo o Brasil. Uma política de governo que infelizmente não se concretizou em uma política de Estado, ao contrário, vem sendo extinguida e criminalizada por diversos setores conservadores na sociedade. Que essa especialização seja lembrada como um espaço de resistência e de luta por uma sociedade mais justa e igualitária

A todos que já estiveram e deixaram belas marcas e saudades. No Coletivo e no individual.

Muito obrigada.

E vamo que vamo!

“Quando eu tinha uns seis anos de idade, estudava numa escola pública e era aluna do pré. Me lembro que, quando teve festa junina na escola, fiquei muito feliz, mas tive alguns problemas com meu par. Já nos ensaios ele estava estranho e, no dia da apresentação, ele disse, bem bravo, que não ia dançar comigo por causa da cor da minha pele. ‘Não vou dançar com essa neguinha!’, assim ele disse pra professora, minutos antes da apresentação da nossa quadrilha...”

Meu “manifesto”

Preto-à-Porter

RESUMO

Esta pesquisa teve como objetivo investigar a experiência das atrizes do Coletivo NEGA, a partir das apresentações nas escolas estaduais do espetáculo de teatro Preto-à-porter. Visou identificar e estudar os impactos do espetáculo no contexto escolar - durante e após as apresentações à comunidade e avaliar a experiência das atrizes do grupo NEGA neste contato com a comunidade escolar em Florianópolis/SC.

Palavras-chave: Teatro. Escola. Negritude. Identidade.

ABSTRACT

The goal of this research was to investigate the experience of the actresses of the Collective NEGA, through presentations in the state schools of the play Preto-à-porter. It aimed to identify and study the impact of the performances in the school context - during and after the presentation to the community, as well as to evaluate the experience of the actresses of the NEGA group in this contact with the school community in Florianópolis / SC.

Keywords: Theater. School. Blackness. Identity.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

COPPIR – Coordenadoria de Políticas Públicas para Igualdade Racial

FCFCC – Fundação Cultural de Florianópolis Franklin Cascaes

GDE – Gênero e Diversidade na Escola

GEPPOA – Grupo de Estudos Práticos e Performáticos da Oralidade Africana

NEAB – Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros

NEACA – Núcleo de Estudos e Ações da Cultura Afro-brasileira

NEGA – Negras Experimentações Grupo de Artes

TEN – Teatro Experimental do Negro

UDESC – Universidade do Estado de Santa Catarina

SUMÁRIO

<u>1 INTRODUÇÃO</u>	14
<u>2 METODOLOGIA</u>	17
<u>3 O CONCEITO DE IDENTIDADE</u>	18
3.1 A TRAJETÓRIA DO TEATRO NEGRO NO BRASIL.....	20
<u>4 O COLETIVO NEGA</u>	22
4.1 “UM BEIJO E UM TAPA NA CARA”.....	22
4.2 “SE NÃO EXISTISSE O RACISMO, NÃO EXISTIRIA O NEGA”.....	24
4.3 PRETO-À-PORTER: COMO NASCEU?	26
<u>5 AS CENAS</u>	29
5.1 ABRAÇO NEGRO.....	30
5.2 CENA DA SARAH.....	31
5.3 CENA DA “VENDA DAS MENINAS”.....	33
5.4 CENA DA RITA “RECLAMANDO DO BARULHO”.....	34
5.5 CENA DO “TALK SHOW”	35
5.6 CENA DA THUANNY.....	37
<u>6 CONSIDERAÇÕES FINAIS</u>	38
REFERÊNCIAS	40
REFERÊNCIAS ELETRÔNICAS	42
ANEXOS	43

1 INTRODUÇÃO

Quando paramos pra pensar e refletir sobre a nossa identidade, não é apenas uma resposta simples que abarca toda a questão. Identidade é uma questão social, étnica, moral, que envolve o que já vivi, o que vivo hoje e isso pode ser determinante para o que ainda viverei futuramente. E como viverei! E essa questão se torna muito mais profunda e mais complexa ainda quando incluímos a seguinte questão: que cor eu trago na minha pele?

Desde muito pequena, lembro de não ter tido muito contato com pessoas negras, além dos familiares. Claro, tinha uma amiguinha negra aqui, um menininho ali... mas, na escola, sempre havia apenas eu, e no máximo mais alguma outra criança negra na sala de aula. E só.

Por ser filha de pai militar, tive a oportunidade de morar em quatro diferentes Estados do Brasil (Rio de Janeiro, onde nasci, São Paulo, Rio Grande do Norte e Santa Catarina, onde resido, atualmente). O que me faz perceber somente hoje, com a maturidade, que este tipo de situação se repetiu em todos eles, sendo um pouco pior em uma ou outra cidade. No Rio Grande do Norte foi mais difícil, onde há uma população branca e indígena grande, mas pouquíssimas negras. No Rio e em São Paulo, não sei explicar por quê não víamos muitas pessoas negras. Apesar da população negra nesses Estados e em outras regiões do Brasil ser grande... Sinceramente, não sei.

Essa experiência de viver de tempo em tempo mudanças me fez conhecer e cultivar algumas amizades que levarei comigo pra toda vida. Amizades brancas, na sua grande maioria. Também foi determinante para que eu conseguisse me tornar uma pessoa com facilidade em se adaptar a diferentes ambientes.

Na adolescência, o contato com pessoas negras continuou do mesmo jeito, mas consegui com que meu primeiro namorado fosse negro! E assim também foi com o segundo... (ufa!). Era, realmente, algo com que eu passei a refletir quando era adolescente e gastava algum tempo pensando como seria. Queria conhecer alguém da cor da minha pele, mas... nunca aparecia. Sou heterossexual, filha de mãe negra e pai negro. De certa forma, acredito que isso influenciou em minha decisão de ter um parceiro negro.

Em casa a questão do racismo nunca foi muito falada, explicada, pra mim e pra minha irmã, que é mais nova. Pelo menos não abertamente. Mas tenho memórias de ter percebido

certas atitudes de minha mãe com relação às atitudes de pessoas e a nossa cor. Minha mãe sempre foi uma mulher muito justa e que não gosta de levar “desaforo pra casa”.

Posso dizer, com toda certeza do mundo, que a minha consciência negra veio no início da idade adulta. Digo mesmo a consciência plena da minha negritude, de realmente gostar de mim dessa forma e ter verdadeiro orgulho da cor que carrego na pele. Mas, quando mesmo que isso começou? Vamos chamar de despertar.

Na verdade não fui eu quem procurei. Tudo parece ter vindo ao meu encontro nessa vida. O que, eu acho, torna as coisas mais interessantes.

Foi como aluna da UDESC, no curso de Artes Cênicas, que consegui pela primeira vez ser bolsista de um projeto de extensão coordenado pelo professor Luiz Carlos Canabarro Machado, do curso de Artes Visuais. Mariana Novaes, aluna e já bolsista, procurava, junto com o professor, um aluno ou uma aluna negra, para compor aquele núcleo, denominado na época como NEACA (Núcleo de Estudos e Ações da Cultura Afro-brasileira). À partir daí, minha trajetória no caminho da construção da minha consciência negra começou.

O NEACA foi o primeiro projeto com sigla estranha que apareceu na minha vida. Depois vieram o GEPOA (Grupo de Estudos Práticos e Performáticos da Oralidade Africana), coordenado pelo professor Toni Edson (o primeiro professor negro que conheci na Universidade), e finalmente o NEAB (Núcleo de Estudos Afro-brasileiros), na verdade o extinto NEACA, agora com coordenação do professor Dr. Paulino de Jesus Francisco Cardoso (o segundo professor negro que conheci lá) e diversos outros bolsistas, em sua grande maioria mulheres negras.

Qual é a minha cor? Qual é a verdadeira cor do Coletivo NEGA? Reflexos pertinentes de séculos de escravismo me fazem concluir que a minha cor, apesar de tanta coisa vivida e deixada, ainda não é “a cor dessa cidade”. Mas eu, assim como Abdias Nascimento, Zora Neale Houston (antropóloga e escritora americana) e tantos outros negros e tantas negras por aí afora, nos recusamos a aceitar o lugar que nos reservaram e ainda insistem que ocupemos sem pestanejar: o lugar de subalternidade e submissão.

Ser atriz e negra traz uma especificidade no teatro contemporâneo, principalmente na atualidade, onde encontramos (felizmente) um grande empoderamento feminino. Pensando

nisso, lembro-me da visão trazida por Eugenio Barba¹, que entende o teatro como uma manifestação artística que visa ao espectador. Nesse caso complemento que “também visa ao espectador”. Sobre essa relação ator-espectador, ele afirmou em 1979: “Eu não vou ao teatro para ver propriamente a revelação do ator, mas para que ele me faça entrar em contato com uma das facetas da minha própria multiplicidade. Pode ser, claro, que o ator, ao revelar algumas das suas contradições, leve-me a perceber as minhas” (BARBA apud SCHENKER, s/p, 2010). Não apenas as contradições dxs espectadorxs, mas as múltiplas identidades que estxs podem descobrir ao entrar em contato com uma arte que descortine as vivências da negritude e suas memórias, positivas e negativas.

O fato de não termos, ainda hoje, muitas atrizes e atores negros na televisão, no cinema ou nas peças de teatro reflete diretamente na maneira como lidamos com essa identidade em questão: a identidade negra. Se não há negrxs ou se há poucxs, como e onde fica a nossa identificação como negras e negros cidadãos, pessoas, artistas, atores de uma sociedade? Como fica a nossa identidade, como mulheres, atrizes e negras?

E foi neste espaço acadêmico que elaborei e construí esta pesquisa que teve como objetivo investigar a experiência das atrizes do Coletivo NEGA, a partir da experiência das apresentações nas escolas estaduais do espetáculo Preto-à-porter. Esta pesquisa visou identificar e estudar, dentro deste contexto escolar, e como, após a apresentação à comunidade escolar, estas atrizes passam a se sentir. E acredito que esse processo as transforme em suas auto constituições.

Como pano de fundo esta investigação visa compreender como se constroem as identidades negras no processo de criação do espetáculo, apresentação e interação entre as atrizes do grupo. Sim, identidades negras, no plural. Será que existe uma ou existem várias?

¹ Autor, pesquisador e diretor de teatro italiano. Fundador e diretor do Odin Teatret, criou e desenvolveu o conceito de Antropologia Teatral. Também fundador e diretor do Theatrum Mundi Ensemble, e criador da ISTA (International School of Theatre Anthropology).

2. METODOLOGIA

A elaboração desta pesquisa reúne ações artísticas de caráter afirmativo e educativo, tanto para o elenco quanto para o público escolar que entra em contato com a referida arte e suas negras experimentações.

A pesquisa contribui para elaboração de uma metodologia que promove uma reflexão a respeito do conceito de identidades negras, mais especificamente das atrizes negras dentro do grupo NEGA, partindo das impressões que o público escolar lhe traz após a apresentação do espetáculo Preto-à-Porter.

Este fato (a promoção da reflexão acerca da construção das identidades negras) é de extrema importância para o processo criativo/artístico do coletivo, pois , para que isso aconteça, significa que nesse instante ocorre uma certa identificação do público com o espetáculo e com as atrizes e, conseqüentemente, as atrizes recebem e percebem determinadas impressões vindas deste público e também se identificam ou não com ele, público esse que é bastante particular e heterogêneo.

Nesse contexto percebe-se que o grupo funciona como uma espécie de canal pedagógico e também como um espaço terapêutico. Tanto o grupo teatral quanto a comunidade escolar ganham muito com um momento como esse, promovido através da arte, onde ocorre o contato com histórias de vida alheias e se pode aprender algo com elas, refletir à partir delas, reconhecer-se, identificar-se.

Esta pesquisa estrutura-se metodologicamente na reconstrução da memória do grupo NEGA a partir de minha própria experiência e de relatos de pessoas que ainda estão nele e das que passaram por ele.

Apresentando caráter qualitativo, utiliza como método de investigação o enfoque dado ao caráter subjetivo que o objeto oferece, estudando e analisando suas experiências individuais, suas particularidades.

A antropóloga brasileira Mirian Goldenberg traz observações bastante interessantes dentro deste campo em sua obra *A arte de pesquisar*, trazendo informações que envolvem estudos da Escola de Chicago que, de certa forma, abriu caminhos importantes para a metodologia em diversas partes do mundo, lembrando as contribuições da fenomenologia e da etnometodologia para tal.

Sobre isto ela afirma que: “estas duas escolas, a fenomenologia e a etnometodologia, inserem-se na tradição metodológica qualitativa ao tentar ver o mundo através dos olhos dos atores sociais e dos sentidos que eles atribuem aos objetos e às ações sociais que desenvolvem.”(GOLDENBERG, p. 32, 2004). Desse modo entende-se que pesquisa qualitativa volta-se para a importância dos dados empíricos, encaixando-se perfeitamente na análise de documentos pessoais, relatos, entrevistas, entre tantas outras fontes de investigação do lado mais subjetivo da vida humana. A autora afirma ainda que:

O pensamento fenomenológico traz para o campo de estudo da sociedade o mundo da vida cotidiana, onde o homem se situa com suas angústias e preocupações. A etnometodologia apóia-se nos métodos fenomenológicos e hermenêuticos com o objetivo de compreender o dia-a-dia do homem comum na sociedade complexa. (GOLDENBERG, p.31, 2004).

O estudo e a análise das impressões das atrizes em contato com o público escolar, contando também com a minha experiência pessoal contribuem para a descoberta de um novo olhar a respeito das identidades negras que se propõem ao ser apresentada a peça teatral Preto-à-porter nas escolas.

3 O CONCEITO DE IDENTIDADE

“Do latim *identitas*, a identidade é o conjunto das características e dos traços próprios de um indivíduo ou de uma comunidade. Esses traços caracterizam o sujeito ou a colectividade perante os demais”.²

O conceito de identidade varia conforme o enfoque que é dado e cada área do conhecimento. Para o pesquisador Antonio da Costa Ciampa (2001), como também para Anita Bernardes e Júlio César Hoenisch (2003), ambos também pesquisadores na área, a identidade pessoal é construída mediante a relação do sujeito com a dinâmica social; o seu desenvolvimento acontece com base em uma articulação entre igualdades e diferenças. A identidade não se reduz somente à compreensão de um sujeito que se distingue de outro, mas indica semelhanças em relação a determinado grupo de referência. Esse processo favorece a

² [http:// www.conceito.de/identidade](http://www.conceito.de/identidade). Acessado em 20 de agosto de 2013.

conscientização do indivíduo por meio de comparações que estabelece nas relações sociais que mantém.

O autor de *A Identidade Cultural na Pós-modernidade*, Stuart Hall (2006), também levantou reflexões muito interessantes a respeito desse tema, mostrando que a identidade de uma pessoa não é algo isolado da cultura e é também uma construção social, variando de acordo com a época em que se vive. Dessa forma, a identidade é realmente algo formado, ao longo do tempo, através de processos inconscientes, e não algo inato, existente na consciência no momento do nascimento. Segundo o autor, o processo de construção das identidades está sempre envolvido com a diferença, com a relação com aquilo que não é, sempre referido ao outro, sou o que o outro não é.

Sou negra e a mídia, a sociedade e as pessoas me lembram disso a todo instante, quando noto que não me vejo representada em certos setores sociais. Me lembro que sou negra principalmente quando páro e reflito, dando-me conta de que quase tudo no mundo é branco. Como já disse o próprio Abdias Nascimento “é o dilema, a dor, as chagas existenciais da pessoa de origem africana na sociedade racista das Américas” (NASCIMENTO, 2003).

O fato de ser negra está intimamente ligado à condição de ser mulher e, assim todos os elementos desta trajetória se apresentam de forma muito mais potentes. Ser mulher e negra nos traz desafios que uma mulher branca nunca enfrentará em sua vida. Este fato, dentre tantos outros que a vida nos apresenta, torna fundamental o empoderamento feminino hoje e a assunção de nossa identidade negra. A autora Cecília Maria Bacellar Sardenberg fala de empoderamento feminino como instrumento de liberdade feminina:

O empoderamento de mulheres é o processo de conquista de autonomia, da auto-determinação. E trata-se para nós ao mesmo tempo, de um instrumento/meio e um fim em si próprio. O empoderamento das mulheres implica para nós a liberdade das mulheres das amarras da opressão de gênero, da opressão patriarcal. Para as feministas latino-americanas em especial, o motivo maior do empoderamento das mulheres é questionar e desestabilizar e por fim, acabar com a ordem patriarcal que sustenta a opressão de gênero (...) Além de assumirmos o controle sobre nossos corpos, nossas vidas (SARDENBERG, 2006).

Também com relação a isso, Ângela Figueiredo lembra do autor Roger Bastide (1976), que fala em *negritude centrípeta* no Brasil, “um discurso identitário que reclama por maior participação/inclusão na sociedade brasileira, em oposição à negritude centrífuga, aquele que assume no discurso centrífugo, uma espécie de reivindicação de retorno à África”³.

É imprescindível reconhecermos que hoje, felizmente, vivemos numa época em que há uma presença maior de pessoas negras na mídia, resultado da constante luta de movimentos negros de todo o país, o que vem a ser um fato bastante positivo, na verdade uma grande conquista. Isso nos leva a pensar sobre os vários aspectos identitários do que significa ser negro no Brasil e de como essa condição é construída socialmente.

Em contrapartida, é interessante pensar que o valor da pessoa branca não é questionado na mídia brasileira, não causa nenhum tipo de estranhamento e em muitas situações, a força da hegemonia branca “se faz presente em discursos identitários que não mencionam raça explicitamente” (SOVIK, 2005, p.166).

Mais do que nunca pessoas negras precisam e devem compartilhar este mesmo espaço. E antigamente: como era esse “ser negro” no Brasil?

3.1 A TRAJETÓRIA DO TEATRO NEGRO NO BRASIL

A trajetória do teatro negro feito por aqui ainda é considerada recente, mas ainda assim permeada por acontecimentos muito marcantes. E quando falamos em teatro negro a primeira referência que nos vem, imediatamente, é o Teatro Experimental do Negro (TEN). Um marco da experiência negra nas Artes Cênicas brasileiras, com uma trajetória iniciada em 1944, no Rio de Janeiro. Foi a partir do nascimento deste grupo, que se iniciou e se fortaleceu a valorização da população negra no teatro brasileiro, pois os textos teatrais naquela época (e até o presente) não contemplavam a população negra.

Criado por Abdias do Nascimento, artista, pesquisador e homem de teatro, o TEN intencionava tanto conscientizar quanto alfabetizar seu elenco, que era recrutado entre

³ *Carta de uma ex-mulata à Judith Butler*, de Ângela Figueiredo. Texto publicado originalmente na *Revista Periódicus*, n.3; v.1; maio-outubro de 2015.

operários, empregadas domésticas, pessoas que viviam nas favelas e modestxs funcionárixs públicxs.

Tudo começou quando Abdias, ao viajar para o Peru, assistiu a uma peça teatral, *O Imperador Jones*, em que havia um ator branco tingido de preto. O ator interpretava o papel principal, o que o deixou revoltado:

Indignado de ver um ator branco ‘caiado’ de negro, decidiu ali mesmo que, ao voltar ao Brasil criaria um teatro com base no protagonismo do negro e ao resgate dos valores da cultura negro-africana, negados pela sociedade da época. Foi deste sentimento de indignação que Abdias deu início a sua experiência no TEN (ANAGRAMA, 2006).

A questão da consciência negra era algo fundamental e uma constante em seu trabalho. Além de se preocupar com a herança intelectual da população afrodescendente, Abdias do Nascimento também realizou ações culturais tão inovadoras que transformaram significativamente a sociedade, modificando-a culturalmente. Mudanças estas que repercutem até hoje. Os temas norteadores deste trabalho teatral, além de buscar valorizar a cultura e a religião afro-descendentes, também tratavam da desvalorização da mulher negra na sociedade brasileira, numa grande perspectiva de luta social e artística.

Mostrando diante do público sua vida, seus percalços, esperanças e lutas, a partir da proposta do TEN, x atriz/ator negrx tem a possibilidade de fazer com que aquele que o assiste repense e reflita sobre si mesmo e a realidade em que vive. É nesse momento que x espectadorx vê que elx também é (ou se ainda não é pode vir a ser) atuante dessa mesma sociedade e que ela não é só *minha*, mas *nossa*.

Teatro é presença, é ação, é vida. Significa o amor e respeito pela profissão, respeito consigo mesmo e com x outrx. É também a atriz e o corpo dessa atriz. E podemos afirmar que teatro vai além do corpo. Significa, ao mesmo tempo, a superação de seus limites, com inteira dedicação, como já foi citado anteriormente.

4. O COLETIVO NEGA



4.1 “UM BEIJO E UM TAPA NA CARA”

Essa foi a primeira imagem que veio em minha mente quando fui convidada a participar do grupo Negras Experimentações Grupo de Artes, no final do ano de 2010. Vou contar um pouco esta história.

Em 2010 ainda estava prestes a me formar na graduação em Artes Cênicas pela UDESC e a minha orientadora, prof^a Dra. Fátima Costa de Lima, já coordenava o Coletivo NEGA, que nasceu como projeto de extensão da universidade, formado na sua maioria por pessoas que eu ainda não conhecia. Não entrei naquele ano. Não... Coisa demais na cabeça: era melhor me formar primeiro na graduação.

Ainda assim, depois que me formei, já casada e com minha filha ainda bem pequena, precisei trabalhar no comércio de Florianópolis, apenas com o intuito de aumentar a renda da

família. Três meses depois fui demitida e daí sim resolvi entrar de vez no grupo NEGA. Já estávamos em 2011.

Antes da minha entrada, alguns fatos importantes e determinantes, aconteceram no grupo: saída de pessoas, idéias “roubadas” e levadas para outros grupos, desentendimentos. Bem, uma pessoa como eu, de certa maneira já acostumada com o convívio em grupos teatrais, não se assusta com fatos desse tipo. Teatro envolve pessoas, gostos, egos, corpos, crenças. A ocorrência de certos atritos é perfeitamente normal neste espaço.

Quando entrei no grupo éramos oito pessoas, de formações variadas, idades variadas, com ou sem experiência teatral e o primeiro espetáculo que apresentei foi o *Manifesto NEGA*, dirigido por Rogaciano Rodrigues, também graduado em Artes Cênicas. Um espetáculo onde muitas coisas não conseguíamos compreender, mas que fazíamos com muito gosto.

Esta peça nos transportava ao navio negreiro da época da escravidão, a textos antigos, com linguagem rebuscada e imagens marcantes e doloridas de nossos ancestrais.

Mais ou menos um ano depois, Rogaciano decidiu sair do grupo. Como, na época, eu já estava formada (era a única que tinha formação em Artes Cênicas), fui convidada a realizar o trabalho de direção do grupo. Um grande desafio. Nunca me considerei boa em direção teatral. Mas, como acredito que desafios realmente podem nos fazer aprender bastante, aceitei.

Daí muitas idéias começaram a nascer. Gente nova entrou no grupo com olhos brilhantes. Minha cabeça girava. A imagem do “um beijo e um tapa” começava a tomar forma num novo roteiro de peça que nascia de mim e de meus companheiros e companheiras de grupo. Surgia nessa fase o espetáculo *Preto-à-porter*, com algo muito parecido com o que conhecemos como processo de criação coletiva⁴, em um processo distinto do vivido anteriormente pelo grupo.

⁴ Os conceitos de criação coletiva ou processo colaborativo no teatro são bastante parecidos, mas não são a mesma coisa. Ainda assim ambos se referem a idéia de uma participação maior da criação de atores e atrizes, não só na construção de seus papéis como do próprio texto e roteiro do espetáculo. “O fato é que em ambos o dramaturgo desceu, finalmente, de sua *torre de marfim* e foi para a sala de ensaio” (NICOLETE, 2002, p. 319). No processo colaborativo, não há hierarquia; preparação de atores e atrizes, direção, iluminação e tudo o mais são responsabilidade de todos dentro da construção do espetáculo e tem-se o Teatro da Vertigem e a Escola de Teatro livre de Santo André como referência para tal. Podemos dizer que este vem a ser uma linhagem da criação coletiva, mas que marca um novo momento na história. Na criação coletiva, cada participante propõe modificações durante o processo de construção da peça e esta leva a assinatura de todos os envolvidos.

Hoje o grupo é composto apenas por mulheres negras, cinco ao total, interessadas na prática teatral, entre acadêmicas e artistas da comunidade que se identificam com o questionamento, a investigação e a transmissão de conhecimento de expressões artísticas e culturais de origem africana. Atualmente mantém parcerias com órgãos importantes em Santa Catarina, como a Coordenadoria de Políticas Públicas para Igualdade Racial (COPPIR), Fundação Cultural de Florianópolis Franklin Cascaes (FCFCC), Núcleo de Estudos Afrobrasileiros (NEAB-UDESC) e Grupo Africatarina de Arte e Arte-Educação. A professora Fátima continua coordenando o grupo, atualmente.

4.2 "SE NÃO EXISTISSE RACISMO, NÃO TERÍAMOS O NEGA"

A existência do grupo traz duas facetas interessantes. Uma é negativa, quando denota a necessidade de se reunir, falar e tentar resolver problemáticas referentes ao ser negro na sociedade. Outra é a positiva, e na minha opinião a melhor faceta, pois dos problemas referentes ao racismo surgiu um grupo tão importante quanto o Coletivo NEGA, que tem a proposta de se colocar bela, forte e artisticamente numa questão que é de pura cidadania, e que nos traz mais forte ainda o orgulho por sermos negras! O grupo evoluiu muito nesses anos de existência. Amadureceu muito também. Ainda assim, tem um longo caminho a percorrer, tendo em vista tantas conquistas possíveis que ainda estão por vir.

As integrantes do Coletivo NEGA e tantas outras mulheres do teatro já ouviram falar, leram ou estudaram a respeito do passado vivido por aquelas que as antecederam. Mas o que nós, negras, vivenciamos hoje é o resultado do que os fatos passados deixaram de herança em nossa história coletiva.

E é nesse ponto onde mora uma questão primordial que esse trabalho tenta se aprofundar: o que importa, o que faz diferença é o que se vive, o que se sente na pele e no corpo sendo uma pessoa e mulher artista negra. São resquícios negativos de um passado que ainda sobrevivem e afetam as relações sociais e interferem na visão de mundo e na forma como se coloca diante dele.

Dentro das inúmeras definições que traz, podemos afirmar com certeza que teatro vai além do corpo. Significa, ao mesmo tempo, a superação de seus limites, dentro de inteira dedicação. O corpo no teatro é capaz de comunicar algo tão profundo quanto espiritual.

Acredito que a arte é, na verdade, uma expressão da espiritualidade, no sentido em que, durante o processo de representação a atriz pode estar concentrada a tal ponto que seu espírito, sua alma, cria uma ligação forte com o divino. Ou seja, o que ela expressa vem da sua espiritualidade.

Na pesquisa que realizei anteriormente, como trabalho de conclusão de curso de Teatro⁵, pude perceber que o Candomblé, por exemplo, mais que um objeto de pesquisa e de inspiração para o trabalho da atriz, é visto como elemento que amplia a conexão com seu corpo, sua energia e símbolos, integrando o corpo, a mente e o espírito. Podemos ter isso como uma nova forma de encarar a capacidade sensitiva desta atriz negra.

A esse respeito, Lehmann afirma:

Por meio da disciplina, seu corpo se torna quase espírito, manifestação corporal do incorpóreo. Essa disciplina é auxiliada pelo treinamento, e dada a credibilidade já metafísica que ultimamente se liga às dimensões de experiência do *treinamento corporal* impõe-se o pensamento de que aqui retorna a idéia primordial dos exercícios religiosos. (LEHMANN, 2007:360).

Tal afirmação pode ser uma interessante proposta de treinamento para atrizes e atores de uma maneira geral.

O estudo e a análise da questão de como as atrizes do Coletivo NEGA se sentem e o que estas passam a perceber após a experiência de ter apresentado em diversas comunidades escolares é fator de grande importância no trabalho artístico realizado dentro do grupo, como também serve para refletir a respeito do teatro negro feito no Brasil, levando em conta as reflexões a respeito de identidade, cultura negra e afrodescendência.

É emocionante estar no Coletivo NEGA e sentir que, apesar de tantas mudanças sociais ocorridas de lá pra cá, o grupo hoje ainda pode compartilhar da mesma filosofia dos nossos precursores do TEN: fazer com que a questão da consciência negra não se perca, não perca a sua força e se faça cada vez mais presente, de forma respeitosa e se fazendo respeitar através da arte.

⁵ “**Axé, energia e espiritualização**: os orixás na construção da personagem teatral”, título dado ao trabalho apresentado em 2010, como requisito para obtenção do diploma de graduação no curso de Educação Artística, habilitação em Artes Cênicas da UDESC, com orientação da Prof^a Dra. Fátima Costa de Lima.

No Brasil, ainda hoje é mínima a quantidade de propostas de coletivos fundados nas práticas culturais de origem africana ou de grupos que se formam a partir de iniciativas das comunidades de perfil afrobrasileiro.

O que move o Coletivo NEGA são motivações não apenas artísticas, mas necessariamente políticas. O objetivo do NEGA como grupo de artes, não é apenas denunciar os malefícios do racismo ou colocar em papel de vítima as pessoas negras, mas contar, através de histórias muito verdadeiras do próprio elenco, o que vivemos e sentimos todos os dias e todos os instantes em que fazem questão de nos lembrar, muitas vezes de forma impiedosa e desagradável, que somos negras.

E, principalmente, como nos sentimos sendo atrizes negras. O *como* é muito mais que uma questão de cor da pele. É a real identidade das meninas deste coletivo. Esse grupo, assim como o TEN, não se contenta com a reprodução de lugares-comuns, mas procura dar uma nova dimensão à verdade dramática, profunda e complexa, da vida e da personalidade do grupo.

4.3 PRETO-À-PORTER: COMO NASCEU?

O espetáculo surgiu de pequenos momentos dentro do grupo, dentre crises de identidade, pessoas que brigaram, choraram, saíram e entraram.

Existe um velho ditado que já escuto há muito tempo que diz “o que não nos mata, nos fortalece”. Analisando hoje percebo que esse ditado combina muito com os ocorridos dentro do grupo, que diversas vezes poderia ter sido desfeito, mas, por algum motivo mais forte, manteve-se e procurou se unir cada vez mais.

Quando ingressei na função de diretora, também carregava comigo a experiência de atriz no espetáculo anterior, o já mencionado aqui Manifesto Nega, com direção de Rogaciano Rodrigues, onde vestíamos um figurino que lembrava a África e o texto envolvia memórias de muito sofrimento em um navio negreiro e olhares de esperança num futuro um tanto incerto. A nossa interpretação nesse espetáculo também era um tanto incerta.

Pensando em tudo isso e no sentido que o Manifesto Nega tinha para nós, tive uma primeira noite de conversa com o elenco (que não me recordo bem, dentre mais ou menos seis mulheres e dois homens, naquela época), onde coloquei pra fora minhas experiências

anteriores como atriz em outros grupos e minhas próprias vontades. Ou melhor: o que eu mais queria ver em cena como diretora estava intimamente relacionado com o que eu queria trabalhar em mim como atriz, levando em consideração que o desafio que me foi proposto pelo próprio grupo era o de continuar atuando.

Foi nessa conversa inicial com o grupo que afirmei:

Que esse espetáculo seja forte e delicado, assim como eu sou. Muita gente vê minha delicadeza e pensa que sou frágil, não fazem idéia do que eu já passei. Me defino como uma poesia, que pode ser forte e delicada ao mesmo tempo, usando palavras doces pra dizer coisas bem sérias e profundas. Gostaria de uma peça teatral que falasse de mim, onde cada um de nós pudesse falar de nós mesmos, de quem a gente é. Contar isso pras pessoas, sabe. Contações de histórias verdadeiras, com poesia, música, dança. Mas falando do que a gente sofre, também, no dia-a-dia, com esse racismo todo aí. Um espetáculo que seja forte e ao mesmo tempo delicado. Como um beijo e um tapa na cara! Entendem?

Esse diálogo foi fundamental para estabelecer e esclarecer que tipo de trabalho eu pretendia desenvolver com o elenco naquela altura. Não quero aqui afirmar que a experiência com o Manifesto Nega não foi boa ou importante: muito pelo contrário! Serviu para que sentíssemos quem éramos como atrizes e atores e o que queríamos naquele momento como construção de uma peça teatral que tinha de ter a nossa cara.

O nome Preto-à-Porter foi sugerido pela professora Fátima Lima, que pensou no conceito da moda, *pret-a-porter*, trazido pelo estilista francês J.C. Weil, depois do fim da segunda guerra mundial. “O conceito gerou uma grande mudança na história da moda que antes se restringia às roupas feitas sob medida (alta costura). As roupas passaram a ser industrializadas e houve a inserção do marketing na moda.”⁶ Tem a ver com a chamada fast-fashion, ou as roupas voltadas para o consumo de massa. Preto-à-Porter: seria a nossa peça cheia de negritude, voltada não apenas para a burguesia e os grandes teatros, mas para toda a massa, toda a sociedade. “Estamos prontos para nos mostrar para o povo!”. Leitura minha. Qualquer outro cidadão pode ter outra diferente. É um nome que brinca também com a idéia de consumismo, hierarquia social, o euro-centrismo.

No início do processo de construção do espetáculo, proporcionei alguns momentos de nostalgia e retorno ao passado a cada componente do grupo. Para isso, propus que trouxessem

⁶ Fonte: <http://conceito-fashion.blogspot.com.br/2012/06/pret-porter-e-alta-costura.html>. Acesso em 09 de novembro de 2016.

(cada um com sua data previamente marcada) fotos e recordações de seu passado, infância, adolescência, fatos mais importantes e que dividissem com o grupo.

Esse processo foi muito importante dentro do grupo e que proporcionou uma relação de confiança entre todos, de certa forma. Uma abertura auxiliou no processo de construção do espetáculo, já que as atrizes e os atores contariam mais tarde, suas histórias de vida para um público muito maior e desconhecido. E serviu para nos conhecermos melhor. Foi mais difícil para uns, mais divertido para outros. Houve momentos de choro e de não abertura, também... Todos souberam respeitar. Mas ficamos mais cúmplices.

Daí em diante o processo de construção do espetáculo se deu de forma coletiva/colaborativa. Atores e atrizes opinavam sobre as histórias, ajudavam nas escolhas quando existia mais de uma recordação passível de entrar na cena. Como direção, cabia a mim a decisão final quando esta se fazia necessário, mas o elenco foi fundamental na construção dessas cenas e do roteiro.

Durante mais ou menos um ano era eu também a responsável pela orientação do trabalho corporal do elenco (aquecimento, exercícios em geral de concentração, construção de personagem, exercícios específicos para a contação de histórias).

Edinho Roldan, ator do Coletivo e músico percussionista, durante um bom tempo foi responsável pela nossa preparação musical, uma fase maravilhosa, onde aprendemos tocar em diversos tipos de instrumentos (todos trazidos por ele, pandeiros, agogôs, tubadoras, berimbau, bongô, dentre outros), com base em ritmos africanos, afro-brasileiros e caribenhos.

Mais tarde, Fátima Lima convidou a também graduada em Cênicas pela UDESC, Mhirley Lopes para trabalhar conosco na parte que envolve o trabalho corporal, tendo em vista que Mhirley possui formação em mimo corporal, técnica codificada por Etienne Decroux (1898 – 1991), que tem como um dos maiores objetivos propiciar o desenvolvimento de um corpo cênico a nível pré-expressivo.

Coletivo NEGA apresenta:

MARATONA DE APRESENTAÇÕES

"PRETO-À-PORTER"

MÊS da Consciência NEGRA

Novembro Negro

20|11
Quinta-feira
19:00
Local: Centro Cultural Luiz Telles Piçarras-SC

06|11
Quinta - feira
20:30
Local: Estádio de São José, São José.

09|11
Domingo
13:00
Local: Feira da Freguesia São José.

12|11
Quarta-feira-feira
19:00
Local: Escola Barreirão São José

21|11
Sexta-feira
19:00
IFSC do Centro de Florianópolis



LARISSA NOWAK

5 AS CENAS

A peça Preto-à-Porter apresenta caráter performático, trazendo cenas que passeiam entre as diversas linguagens artísticas. Entre músicas da nossa MPB, poesias de autorxs negrxs brasileiroxs e estrangeirxs, entre eles Cruz e Souza, Victoria Santa Cruz, o rap de Racionais MC's e, o mais importante: a peça traz poesias feitas pelo próprio elenco. O próprio coletivo canta e toca suas poesias e músicas.

Criei a idéia do que chamei de *manifestos*: pequenos textos criados por cada atriz e atores, com a intenção de abrir um espaço no espetáculo para manifestar por alguma coisa pessoal, que “gritasse” dentro da pessoa, relacionado com o seu passado, presente ou futuro.

As cenas transitam entre o que é engraçado e o que é triste e trágico. Entre piadinhas racistas e relatos fortes de exclusão e violência.

Algumas vezes, quando ainda era atriz e diretora do grupo, conversamos sobre a necessidade da retirada ou adaptação de cenas caso o público escolar tivesse crianças do ensino fundamental I. Como por exemplo a “cena do estupro” (onde uma mulher negra vai à delegacia e, ao prestar queixa de estupro, é violentada moralmente pelo delegado). Mostrar ou não esta cena diante das crianças? Lembro de termos levantado algumas questões pertinentes sobre isso, algumas delas: o que as crianças, hoje em dia, estão habituadas a ver na televisão? Será que a sociedade, através das mídias, não está mostrando coisas consideradas inadequadas e que se encontram ao acesso livre das crianças o tempo todo? Ou... O que é considerado realmente inadequado? Não vamos mostrar com receio de sofrermos repressão da direção

escolar e dxs professorxs? O quê os pais e mães irão pensar ou dizer quando seus filhos e filhas chegarem em casa e comentarem a respeito das cenas? Na dúvida de não saber como resolver essa questão tão pertinente e difícil, o grupo optou por apresentar o espetáculo apenas para crianças do ensino fundamental II (6º ao 9º ano) e ensino médio.

É perceptível que alguns olhinhos ficam um tanto apreensivos durante essa cena, pois a mesma deixa clara a tensão, o incômodo da situação da mulher no momento retratado e a postura desrespeitosa e invasiva do delegado, através da forma como fala com a mulher, como olha e se aproxima dela.

Quanto ao Preto-à-porter, posso afirmar que toda a peça é permeada por elementos muito fortes, desde a música tocada até as cenas que mostram o racismo de forma bastante evidente.

A seguir algumas das cenas mais marcantes do espetáculo (das quais consegue-se notar reações claras da platéia escolar), com descrição da mesma e comentários sobre a reação do público.

5.1 RECEBENDO O “ABRAÇO NEGRO”

Um sorriso negro, um abraço negro

Traz felicidade

Negro sem emprego, fica sem sossego

Negro é a raiz da liberdade

Nesse momento inicial do espetáculo as atrizes invadem o espaço cantando esses versos, cheias de alegria e convidam xs expectadorxs a abraçá-las, recebendo, assim, o *abraço negro*.

Quando a apresentação se dá em ambiente acadêmico ou qualquer outro lugar onde há pessoas acostumadas com espetáculos teatrais, o público normalmente vem abraçar as atrizes, naturalmente. Eu mesma, na época em que atuava no espetáculo, percebia esse tipo de recepção, diferenciada.

Mas quando esta cena acontece nas escolas, as crianças tem uma reação muito interessante: elas não esperam ser abraçadas de verdade! E quando se dão conta de que o

convite para aproximar-se e abraçar é verdadeiro, é como se acontecesse uma mágica nesse momento. “A gente se sente muito bem nessa hora. Acho que é o momento mais bonito da peça, é bem verdadeiro da parte delxs. Os olhinhos delxs brilham, é muito bonitinho!”, afirmou o grupo.

5.2 CENA DA SARAH



Nesta cena, a atriz Sarah Motta fala um pouco sobre sua vida, sobre coisas que ouviu e viu quando era mais nova e fala também sobre a questão das cotas, lembrando que ela também é estudante e cotista.

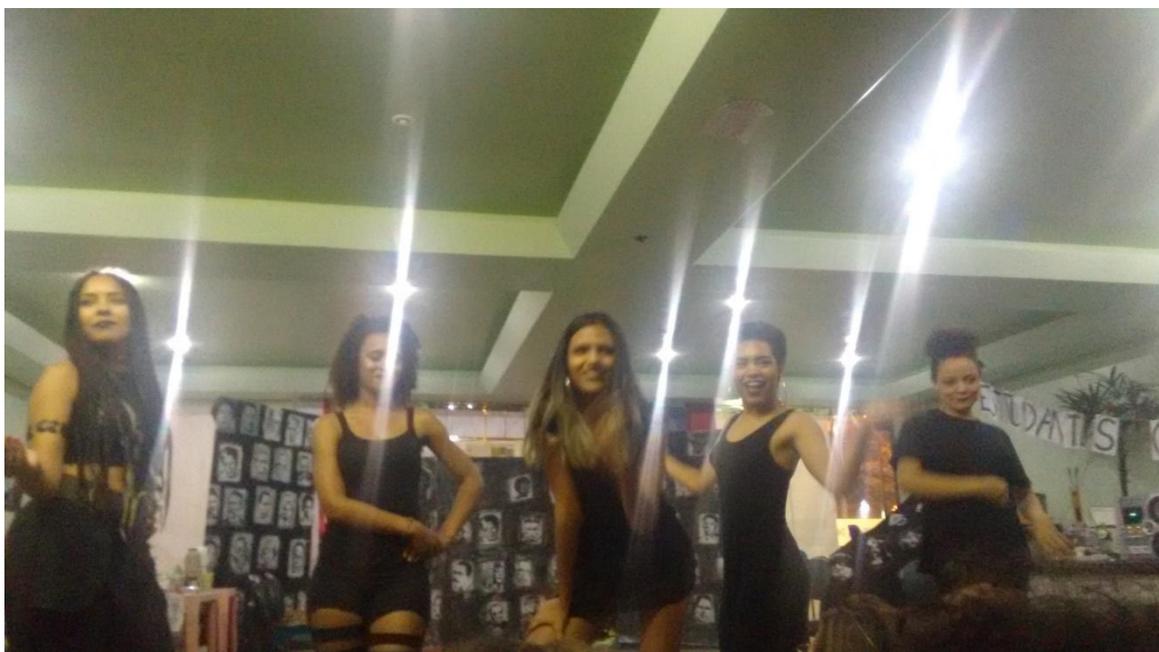
As demais estão “congeladas” e de pé logo atrás, de frente para o público e em silêncio. Aproxima-se da plateia e lança a pergunta para xs estudantes “vocês sabem o que são cotas? São a favor das cotas para negros e negras?” Ao ser lançada tal pergunta, geralmente há um grande silêncio entre xs jovens e muitxs não sabem se são a favor ou não das cotas.

Sarah lança a mesma pergunta aos professores e professoras e complementa com outra pergunta: “vocês falam sobre cotas para xs alunxs de vocês?” A reação geralmente começa com um grande silêncio e alguns professores e professoras parecem um tanto constrangidxs. Tentam se explicar e alguns chegam a afirmar que já trataram do assunto com seus alunxs.

A lei de cotas para negrxs, apesar de ainda ser bastante polêmica, é uma ação afirmativa que veio para o Brasil com o intuito de minimizar a disparidade social entre brancxs e negrxs. As diferenças sociais sempre interferiram de forma muito negativa na história do Brasil. Apesar de trazer consigo uma intenção positiva, muitas pessoas se colocam contra essa lei. Eu mesma um dia fui contra. E, conforme fui compreendendo algumas questões e vivendo a vida, mudei de opinião. A desigualdade racial e o racismo impulsionaram a política de cotas, que reserva vinte por cento (20%) das vagas para negrxs em universidades. Podem concorrer às vagas da cota racial todxs que se declararem negrxs no ato da inscrição no concurso.

Esta lei traz um novo olhar para diversas questões sociais, incluindo o acesso de pessoas negras nas universidades, a questão da auto declaração (reconhecer-se como pessoa negra ou negar-se), a representatividade dx negrx no ensino superior e em setores da sociedade que se encontram mais perto do topo da pirâmide social. E a importância para quem é cotista é imensurável, tendo em vista que o sistema de cotas não é capaz de resolver de uma vez por todas a questão do racismo e da desigualdade no país, mas traz para tantos negros e negras algo fundamental para a nossa dignidade: uma oportunidade digna num país onde impera a branquitude e a elite.

5.3 CENA DA “VENDA DAS MENINAS”



Nesta cena, as meninas se exibem diante da platéia como num “show de vendas”, algo que lembra um programa de TV especializado em vender produtos. E é assim que elas se colocam: como produtos a serem vendidos, tanto para quem está na plateia do programa ao vivo, quanto para aqueles que estariam assistindo pela televisão e que podem ligar para comprar. Thuanny Paes é a apresentadora do programa nesta cena que, desde o começo gera muitos risos entre xs estudantes.

Destacando que há produtos de grande qualidade para todos os gostos de clientes, a personagem de Thuanny vai em cada menina, focando em suas principais qualidades e habilidades. Ao final das descrições, lança uma promoção: levando as quatro meninas negras, o cliente tem direito a mais uma, a melhor de todas. No caso, ela mesma.

Essa cena aumenta a euforia nos jovens, que riem muito a todo instante. “Não sabemos se eles percebem o que há por trás disso”, afirmou Michele Franco, atriz do grupo. “Até mesmo na cena do estupro que vem a seguir, que é uma cena de caráter muito forte, eles continuam rindo. Fico pensando: será que entendem? Será que pra eles isso é racismo?”. Ou ainda, uma outra indagação: Será que é uma cena apropriada para os mais jovens, principalmente os menores de treze anos?

A questão da mulher negra como mercadoria e produto sexual é um grave assunto e fato da nossa realidade que essa cena traz embutida. E quanto aos índices de estupro no Brasil? Dentre as mulheres estupradas em nosso país, a maioria são mulheres negras. Mulheres e meninas. E isso ocorre numa sociedade ainda bastante racista e machista, onde a maioria (homens e mulheres) culpa a mulher pelo estupro. Onde a maioria das vítimas não se sente apoiada para o ato da denúncia.

A transição desta cena para a próxima que é citada e que já foi descrita anteriormente se dá de forma gradual. A energia alegre das meninas vendidas dá espaço para uma seriedade crescente que logo dá lugar a uma expressão de medo e vergonha em cada uma delas.

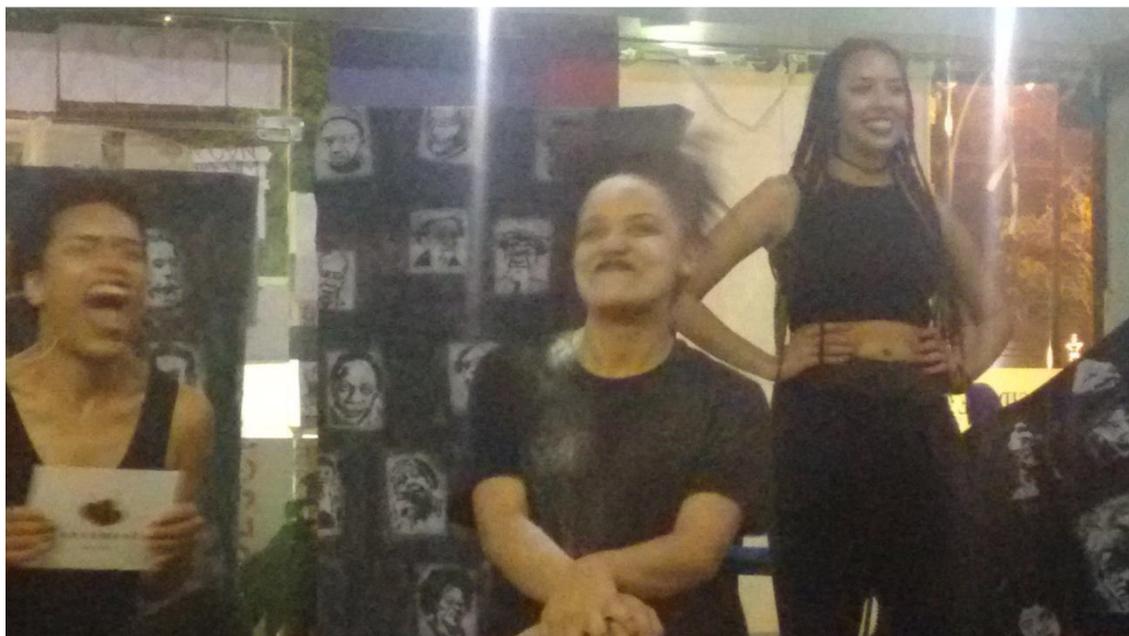
5.4 CENA DA RITA “RECLAMANDO DO BARULHO”



Nesta cena, a atriz Rita Roldan Lima inicia dançando de maneira muito alegre uma música tocada pelas demais garotas que se mantêm ao fundo. Essa música é executada com instrumentos percussivos e remete à África ou à uma música de terreiro. Aproxima-se do público ao parar de dançar e sua expressão passa a ser de seriedade, encarando as pessoas. Aquela música parece vir de um lugar “distante” e ela lança perguntas como “que som é esse?”, “que barulho é esse, hein?”, “dá pra baixar essa música?”, “ô, macumba dos infernos!”

Geralmente, quando chega na hora dessa última pergunta, a plateia escolar ri bastante. Provavelmente já estão acostumados a ouvir a palavra ‘macumba’ no cotidiano através de piadinhas, num significado mais pejorativo e acham muito engraçado.

5.5 CENA DO “TALK SHOW”



Nesta cena tudo se transforma num grande *talk show*. As atrizes Michele Franco e Sarah Motta são as principais personagens desta cena. Sarah é a entrevistada, e apresenta-se como uma pessoa branca, seu personagem representa uma *socialyte* famosa e tem o rosto cheio de talco. Franco é a entrevistadora e lança perguntas variadas, onde a entrevistada revela seu racismo através das respostas que dá, sem ter a ‘intenção’. Fala de uma tataravó que era negra e dos empregados que tem (todos negros), por exemplo.

É difícil saber ao certo se xs jovens conseguem captar o que está envolvido nessa cena, se conseguem se dar conta do racismo por detrás das relações sociais que a cena ilustra. Riem bastante. Realmente, o riso é proposital nesta cena, mas é o riso do absurdo: a postura da *socialyte* é tão absurda e tudo o que ela diz, que causa o riso. Assim como também é bastante cômica a maneira como a entrevistadora faz as perguntas. Mas será que, quando riem, elxs notam esse absurdo?

O racismo frequentemente embutido nas relações sociais talvez não esteja ao alcance da percepção dxs jovens numa cena como esta. Até porque muito deste mal, justamente por estar “disfarçado” nas relações, acaba soando como natural.

Esta cena também apresenta a questão da “representação inversa” dos famosos *blackfaces*: espetáculos teatrais da década de cinquenta onde artistas, para representar pessoas negras no palco, pintavam o rosto com tinta preta. O mesmo recurso que deixou Abdias do Nascimento muito indignado há anos atrás.

5.6 CENA DA THUANNY



Neste momento a atriz Thuanny Paes aproxima-se do público e conta como foi difícil a sua infância, com as piadinhas dos colegas por causa da cor da sua pele, os vários momentos em que se sentiu excluída: “sai daqui, sua preta!”, “neguinha suja, fedida!”.

É perceptível nesse momento (que se dá, mais ou menos, da metade para o final da peça), que xs jovens ficam bem mais sérixs, compenetrados ao ouvir o relato da atriz. Na verdade, o relato de cada uma delas recebe bastante atenção, mas o grupo nota que o de Thuanny recebe do público escolar uma atenção diferente. Xs espectadorxs ficam em total silêncio enquanto ela fala. Dá para notar que tanto professorxs quanto alunxs ficam

nitidamente incomodadxs com os xingamentos que ela relata, ao mesmo tempo em que não conseguem tirar os olhos da atriz que, através de sua fala, revela revolta, tristeza, mas uma força muito grande para ter superado tudo o que passou “sem baixar a cabeça”.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Quando o grupo percebeu que, na platéia de alunxs havia uma jovem menina negra chorando ao final da peça, foi como se um silêncio estranho surgisse dentro do grupo e uma dúvida: o que a fez chorar?

Aposto na tamanha identificação que o público tem com as histórias que são contadas diante dele. O grupo se questiona: será que ela também já passou pelo o quê a atriz Thuanny passou em sua infância? Foi excluída em determinadas situações da sua vida? Ou será que nesse momento ela se colocou no lugar das atrizes vivendo aquelas situações?

Durante o espetáculo fala-se de pele e de cabelos crespos, em assumir-se negra, deixar de alisar as madeixas. Nota-se nas várias platéias meninas negras tocando em seus cabelos e, após a apresentação, algumas soltam os fios crespos. Outras ficam a conversar discretamente com outras meninas, passando as mãos em seus cabelos, com olhares meio desconfiados. Aconteceu em uma das escolas em que houve apresentação do Preto-à-porter: a atriz Michele Franco foi ao banheiro feminino e lá encontrou uma estudante negra de frente para o espelho que havia acabado de soltar os cabelos. A atriz conta que:

Deu pra notar que o cabelo dela tava na fase de transição, uma parte lisa e a outra, que estava crescendo, crespa. Me identifiquei com ela, ou ela se identificou comigo, pois conto na peça que passei por essa fase de alisar e depois o cabelo ficou ‘meio termo’, na tal fase de transição, até que eu assumi ele crespo de vez. Percebi aquela garota se olhando no espelho, tentando uma forma de arrumar o cabelo. Daí me ofereci pra ajudar ela, dando umas dicas e tal. Ficamos conversando, foi muito bom. Me vi naquela menina. Daqui a pouco, quando me dei conta, as outras meninas que haviam entrado no banheiro estavam fazendo uma fila para que eu arrumasse os cabelos delas também!

As histórias das meninas do Coletivo NEGA são histórias que vão de encontro com diversas outras realidades femininas. As realidades das mulheres e das meninas negras de

ontem identificam-se com realidades de hoje, mas que, muitas vezes, ninguém toma conhecimento de como elas se sentem, pois muitas não são sequer compartilhadas com alguém.

Levar o espetáculo para as escolas, além de oferecer um canal pedagógico, é uma ótima oportunidade de estabelecer um meio de conhecimento mútuo, de si mesmo e das relações sociais que nos rodeiam a todo instante em qualquer fase da vida.

Quando uma peça fala de escravidão, fala de África e navio negreiro ela fala de nós de certa forma, mas muito mais de um passado distante vivido por nossos antepassados, mostrando através da arte do teatro o porquê de vivermos determinadas experiências negativas hoje.

Mas quando uma peça fala de nós mesmos e das nossas angústias, medos, conquistas e amores diante de outras pessoas de maneira aberta e sincera, ela fala das angústias, dos medos, das conquistas e dos amores vividos diariamente por centenas ou até milhares de pessoas todos os dias. Sentimentos que muitas vezes não são compartilhados, mas que, naquele momento específico onde elenco e público se encontram, é como se tudo se resolvesse, pois se percebe que mais alguém, além de você mesmo, passou ou passa por aquela situação. É como se por alguns instantes, tudo fizesse sentido quando antes só havia dúvida e solidão.

Ainda não se sabe ao certo o que se passa na cabeça das crianças quando assistem ao espetáculo Preto-à-porter. Os risos da maioria também dão a impressão ao grupo de que são risos de nervoso, pois enquanto riem eles também estão sendo encarados muitas vezes durante a peça e são questionados numa maneira geral. Dentre tantos risos na característica da euforia que se nota quando as meninas vão às escolas, não se sabe realmente se os mais jovens entendem o racismo grave escondido por detrás das piadas.

Mas o grupo percebe que há uma grande compenetração do público escolar a partir de um determinado momento da peça. Sobre isso, Michele Franco falou:

Dá pra notar que eles ficam assim, sérios, bem concentrados na peça, quando vai chegando no final. Não dá pra saber se é a partir da metade que eles vão entendendo algumas coisas, mas eles ficam bem diferentes nessa fase do espetáculo e não têm mais aquelas crises de riso... que também não dá pra saber se é de nervoso ou se é porque acham realmente engraçado.

Outra importante questão é que não houve, dentro da trajetória do Coletivo NEGA, um momento específico onde o grupo se definiu como um grupo de teatro negro feminista, como hoje é.

A presença de homens, no início da história do grupo, não era negada ou proibida, mas é fato que a presença masculina nunca conseguiu “sobreviver” no grupo por muito tempo. Diversos rapazes entraram, participaram e logo em seguida, decidiam sair por motivos variados.

Igualmente, a presença de pessoas brancas (homens e mulheres) foi enfraquecendo. No início era aberto para pessoas de cor branca viverem e experimentarem as “negras experimentações”, mas a não permanência no grupo talvez tenha demonstrado para elas, de alguma forma, que ali “não era o seu lugar”, apesar da sincera abertura.

Apesar de haver o reconhecimento da negritude de todas as brasileiras pela própria cultura, é fato de que a identidade negra é mais forte e marcante quando toca a *pele* da pessoa. Por mais que se dance e cante a cultura negra, por mais que se fale e escreva a cultura negra, por mais que se coma e beba a cultura negra, só poderá sentir as dores de ser uma mulher negra aquela que carregar consigo os traços de sua raça e a cor escura na sua pele.

REFERÊNCIAS

ABRAMO, H. W. **Condição juvenil no Brasil contemporâneo**. In: ABRAMO, H. W.; BRANCO, P. P. M. (Org.). Retratos da juventude brasileira: análise de uma pesquisa nacional. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2005.

ALMEIDA PEREIRA, Edmilson de. **Malungos na escola: questões sobre culturas afrodescendentes e educação**. São Paulo: Editora Paulinas, 2007.

Bailes: soul, samba-rock, hip hop e identidade em São Paulo / organizadores: Márcio Barbosa e Esmeralda Ribeiro. São Paulo: Quilombhoje, 2007.

BARBA, Eugênio. & SAVARESE. **A Arte Secreta do Ator: Dicionário de Antropologia Teatral**. São Paulo: Hucitec, 1995.

BASTIDE, Roger. **Negritude et integration nationale**. Afro-Ásia, Salvador, n.12, 1976, p. 5-30.

BERNARDES, A.; HOENISCH, J. **Subjetividade e identidades: possibilidades de interlocução da psicologia social com os estudos culturais**. In: GUARESCHI, N., MEDEIROS, P. BRUSCHI, M. (Orgs.). *Psicologia Social nos estudos culturais: perspectivas e desafios para uma nova psicologia social*. Petrópolis: Vozes, 2003. p. 95-126.

BÓ, Efrain Tomás. **Teatro Experimental do Negro – Testemunhos**. Rio de Janeiro: GRD, 1966.

BONFITTO, Matteo. **O ator compositor**. São Paulo: Perspectiva, 2007

CARVALHO, Enio. **História e formação do ator**. São Paulo: Ática, 1989.

CIAMPA, Antônio da Costa. **A estória do Severino e a história da Severina**. São Paulo: Brasiliense, 2001.

Coleção Caros Amigos. **Os negros**. Caros Amigos Editora. São Paulo.

FIGUEIREDO, Ângela. **Carta de uma ex-mulata à Judith Butler**. N.3, v.1. Revista Periódicus, maio-outubro, 2015.

GOLDENBERG, Mirian. **A arte de pesquisar: como fazer pesquisa qualitativa em Ciências Sociais**. Rio de Janeiro: Record, 2004.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 11ª edição, Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

LEHMANN, Hans-Thies. **Teatro pós-dramático**. São Paulo: Cosac & Naify, 2007.

MENDES, Miriam Garcia. **O negro e o teatro brasileiro (entre 1889 e 1982)**. São Paulo: Hucitec, 1993.

NASCIMENTO, Abdias do. **Teatro Experimental do Negro: trajetórias e reflexões**. Rio de Janeiro: Estudos Avançados 18, 2003.

NEVES, José Luis. **Pesquisa qualitativa – características, usos e possibilidades**. In: Caderno de pesquisas em administração. São Paulo, vol. 1, nº 3, 2º semestre, 1996.

NICOLETE, Adélia. **Criação coletiva e processo colaborativo: algumas semelhanças e diferenças no trabalho dramaturgico**. Sala Preta, v. 2, p. 318-325, 2002.

SOVIK, Liv. **Por que tenho razão:** branquitude, Estudos culturais e a vontade de verdade acadêmica. Contemporânea, Vol.3, n. 2. Julho/Dezembro 2005, p. 159-180.

STANISLÁVSKI, Constantin. **A Construção da Personagem.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1989.

XAVIER, Arnaldo. **Manual de sobrevivência do negro no Brasil.** São Paulo: Sampa Diretriz Editora, 1993.

REFEÊNCIAS ELETRÔNICAS

SARDENBERG, Cecília M.B. **Conceituando “empoderamento” na perspectiva feminista.** 2009. In:

<https://repositório.ufba.br/ri/bitstream/ri6848/1/conceituando%empoderamento%20na%20perspectiva%20feminista.pdf>. Acesso em 15 de julho de 2015.

SCHENKER, Daniel. Eugênio Barba – **Teatro da Matéria Escura.** Nº 11 – ano 5, 2010. Disponível em <http://revistacal.com.br/pbarba.html>. Acessado em 26 de outubro de 2010.

<http://conceito-fashion.blogspot.com.br/2012/06/pret-porter-e-alta-costura.html>. Acesso em 09 de novembro de 2016.

<http://www.conceito.de/identidade>. Acesso em 20 de agosto de 2013.

ANEXOS

O roteiro a seguir é uma breve adaptação feita em 2013, após algumas mudanças no elenco. Alguns trechos que foram para a cena não se encontram neste modelo.

PRETO-À-PORTER

2013

Cena 1 – Eu sou o NEGA!

Rita está mais ou menos no centro do palco. As demais estão espalhadas ao redor, agachadas e com as cabeças para baixo.

Rita – Boa noite, senhoras e senhores! Hoje vocês irão assistir...

Todas - Que mudez infernal teus lábios cerra

Que ficas vago para mim olhando

Na atitude de pedra, concentrando

No entanto, n'alma, convulsões de guerra!

Rita – Hoje não tem diversão! Hoje não tem conforto – seus braços e mãos são como setas e seu corpo é firme – (...) E tenham todos uma boa noite.

Rita se abaixa. Fernanda se levanta e inicia cantando “Ôôô” como introdução do rap que todas irão cantar.

Todas – Às vezes eu me sinto como uma criança sem mãe

Que pelo mundo vai, vai...

Todos – Às vezes me sinto como uma criança sem mãe, em busca de uma mão, de uma voz que diga “vem!”.

“Pára e repara”

Mhirley fará Alyssa e Fátima fará “o grande produto”.

Cena 2 – É a vida...

A transição para essa cena ocorre de forma muito sutil. Rita escolhe um local dentro do espaço e fica nele de pé. Sua respiração gradativamente fica mais pesada. As demais vão caminhando ao redor, observando até pararem totalmente.

Rita – Vim fazer uma queixa de estupro!

Todas as meninas olham Rita. Em seguida, começam a caminhar ao seu redor com olhares que inspiram repressão e agressividade. Ao suspirar profundo de Rita, elas falam em uníssono:

Todas – Também, minha nega, com esse corpão você queria o quê?

Tensão e silêncio. Imediatamente e ao mesmo tempo todas levantam uma das mãos contra Rita (algumas com baquetas na mão), como que para agredi-la, mas congelam. Rita, devagar pega duas baquetas.

MANIFESTO – Fernanda

As meninas formarão uma linha atrás de Fernanda, que estará no chão com copo. Quando ela estiver cantando, farão coreografia que remeterá a Oxum e a Omulu.

*Eu quero vencer
Preciso de você
Meu corpo viver, viver
Cheio de luz*

CENA ESPECIAL - Teste de negritude da Mhirley

Cena 4 – Final

Rita, na energia do vento, conta a poesia que leva seu nome... VENTO. Ela avança para frente do palco e sua expressão é firme (lansã). Nesse instante, Fabi começa a se pintar para o “momento criança” que virá a seguir.

Todos - Quem é negro é de noite... quem é negro é de noite...

“Momento criança”

1. Fátima como palhaço, pintada
2. Thuanny como criança amedrontada
3. Rita como “criança do Edinho”

4. Mhirley em “quero ser neguinho”

5. Fernanda e Fátima (nega do cabelo duro e branca do cabelo mole)

O elenco volta a caminhar, só que agora em velocidade 7. Todos falam em tons variados, ao mesmo tempo histórias de suas vidas. Em alguns momentos se encontram:

Mhirley para Fernanda – Como vê, aqui não há discriminação racial... Do chofer à babá, são todos negros!

Fátima para Fernanda – Enchendo o tanque do carro do patrão, hein?!

Rita para Thuanny - Sua TV também é preto e branco?

Thuanny – Não. Só tem branco.

Rita para Mhirley – Acho que não quero mais ser atriz, papai. Se for pra lavar, passar, servir, eu trabalho aqui mesmo...

Caminhada velocidade 8.

Rita conta a história do cunhado no ônibus. Alyssa conta a história do policial e a arma imaginária. Thuanny conta a história de quando foi com a mãe em uma loja. Fernanda conta da infância, quando dançou quadrilha na festa junina da escola. Fabi conta de sua bisavó e a mulher negra. Tuany conta do primeiro beijo.

Todas – BLUES DA PIEDADE!

AAXÉÉÉÉÉ’!

FIM



Eu, em ensaio fotográfico para produção de cartaz do espetáculo Preto-à-porter (2013/2014).



Visita do profº Toni Edson ao ensaio do grupo, da esquerda para a direita: eu, Pérola, Ramon, Érik, Rita, Thuanny, Aléxia, Priscila, Edinho e profº Toni (na frente).